

Relação entre níveis de endividamento e atributos de perfil pessoal

Bárbara Francine Silva Sampaio

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Geraldo Aleandro Leite Filho

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

João Paulo de Brito Nascimento

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL

Ismael Mendes dos Santos Junior

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG

Resumo

O objetivo geral desse trabalho foi investigar a relação existente entre os níveis de endividamento com os atributos dos perfis pessoais de cada indivíduo em termos de habilidades, comportamento, conhecimento e atitudes. Tratou-se de estudo explicativo com avaliação quantitativa dados secundários da pesquisa original realizada pela Datafolha, que investigou as expectativas dos brasileiros com relação a sua situação financeira e situação econômica do país. Procedeu-se a uma análise descritiva e regressão linear múltipla. Sobre a variável Renda, 55,3 % dos respondentes declararam renda familiar até 3 salários mínimos. Os resultados evidenciaram que 65% dos respondentes declararam-se endividados, sendo 19,1% superendividados, 71,8% declaram-se controlados, 46,3% sem capacidade de poupança, 28,2% declaram-se ser mais instáveis enquanto que 32,6% responderam ter uma tendência de um estilo mais preocupante enquanto que 50 % estilo de vida mais tranquilo. Os resultados do modelo de regressão foram significativos e evidenciaram que 19,9% da variação do endividamento pessoal foram explicados pelas variáveis conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal, comportamento financeiro quanto a poupança, comportamento e atitudes com relação à materialidade, estabilidade, gestão financeira de longo prazo, comportamento em termos de estilo de vida e renda familiar.

Palavras chave: Endividamento, comportamento financeiro, finanças pessoais.

1. Introdução

Endividamento pessoal é um tema que tem ganhado destaque na mídia, na imprensa e no meio acadêmico. Para Carvalho *et al.* (2017) diversos fatores estão associados ao endividamento pessoal, tais como a praticidade para contrair um crédito, o consumo imediato, a falta de planejamento financeiro, a baixa renda, baixo letramento financeiro além de outros fatores macroeconômicos como elevação de taxa de juros, inflação e desemprego. Endividamento pessoal é uma situação onde o indivíduo pega emprestado recursos financeiros para pagamento futuro em parcelas sequenciais. Caso ocorra o não cumprimento nos valores e datas previamente acordadas este se tornará uma pessoa inadimplente.

Segundo a PEIC (Pesquisa de endividamento e Inadimplência do consumidor), pesquisa que monitora mensalmente os níveis de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras o percentual de famílias endividadas no Brasil alcançou 76,1% do total das famílias brasileiras em Janeiro de 2022, sendo maior percentual apresentado desde 2010. Esse valor demonstrou uma alta quase 10 pontos percentuais em relação a janeiro de 2021 cujo indicador foi 66,5%, Além do aumento já observado, o biênio 2020-2021 apresentou o agravante causado pela pandemia de Covid-19 que impactou negativamente na economia do país. A renda dos consumidores foi afetada, havendo perda do poder compra das famílias;

houve o fechamento de comércios e serviços e uma elevação no número de desempregados em março de 2021 a 14,8 milhões de brasileiros. Além disso, os estímulos fiscais e monetários despendidos com o objetivo de combater a crise sanitária que está sendo enfrentada, causaram uma redução do PIB brasileiro de outros países.

Claudino *et al.* (2009) sugerem a educação financeira como uma das maneiras de reduzir o endividamento das pessoas no Brasil por meio de ações de letramento financeiro das pessoas. Os autores concluíram no seu estudo que da análise da relação entre educação financeira e endividamento pessoal, os maiores níveis de dívidas estavam associados a baixo conhecimento de educação financeira, sendo que a falta de conhecimento gerou ineficiência na gestão do dinheiro deixando as pessoas ainda mais vulneráveis a crises financeiras mais graves.

Pinheiro (2008) concorda que o endividamento e a educação financeira estão relacionados, pois para ele a educação proporcionaria conhecimento e ferramentas para o bom uso dos empréstimos e financiamentos, coopera com o sistema econômico, permite aos agentes consumir produtos e serviços financeiros de forma adequada, reduzindo o risco de descumprimento de obrigações com terceiros (inadimplência). Segundo Frankenberg (1999), nos casos da falta de gestão ou descontrole de recursos financeiros é provável graus altos de endividamento que podem comprometer a vida financeira das pessoas. O autor sugere a necessidade de se estabelecer regras para os gastos da vida pessoal evitando assim níveis elevados de endividamento por meio da educação financeira e do conhecimento de atributos de perfil pessoal.

Frankenberg (1999) observa que se faz necessário construir, através da conscientização da educação financeira, conhecimentos, habilidades e atitudes para o trato do dinheiro, uma vez que tal concepção não surgirá naturalmente e que há esta lacuna na educação tradicional. Além disso, o autor reitera a importância da análise do ambiente no qual o indivíduo está inserido, da sua personalidade e conseqüentemente quais dos atributos de perfil pessoal relacionados com o dinheiro.

Para Mosmann (2019) conhecer os atributos do perfil financeiro é importante para organizar as finanças pessoais evitando assim níveis elevados de endividamento. Segundo a autora, o perfil financeiro é o conjunto de características ou atributos que cada pessoa possui no momento de lidar com o próprio dinheiro. Embora cada pessoa possua um perfil diferente da outra, existem características comuns. Basicamente, eles podem ser divididos em: Devedor; Gastador; Desligado; Pougador; Investidor. Aliado à falta de educação financeira ou desinteresse neste assunto, muitas pessoas sequer sabem se reconhecer como devedoras ou poupadoras.

Segundo Frankenberg (1999), entender o perfil pessoal em termos de habilidades financeiras, traços de personalidade, letramento financeiro e competências pessoais torna-se relevante no momento da tomada de decisão financeira pessoal ou familiar. Quando se conhece o perfil, é capaz de avaliar melhor as oportunidades relacionadas aos gastos pessoais e suas possíveis conseqüências. Segundo o autor, tradicionalmente, os principais perfis em finanças pessoais estão relacionados apenas com as decisões de investimentos, enfatizando os graus de aversão ao risco. Contudo, há uma carência de definições de perfis pessoais com relação a questão das decisões pessoais de financiamentos, ou seja, endividamento e gestão dos gastos.

O perfil pessoal ou comportamental é um conceito amplo que pode ser subdividido em habilidades, personalidade e competências pessoais (Spector, 2002; Silva, 2005; Robbins *et al.* 2010; Lacombe, 2011; Fernandes, 2013; Bergamini, 2017).

Segundo Silva (2005) e Robbins *et al.* (2010) as habilidades indicam o quanto uma pessoa está hábil para executar determinada tarefa e as atitudes envolvidas tais como pró-atividade, boa comunicação, liderança, capacidade de análise, gerenciamento do tempo,

inteligência emocional, criatividade e resolução de problemas. No aspecto de finanças pessoais, as habilidades são as características, conhecimentos e atitudes usadas visando o desempenho financeiro pessoal favorável. Para Lacombe (2011), a habilidade financeira é a capacidade de executar com êxito as tarefas ou funções relacionadas a vida financeira do indivíduo.

Já a personalidade, segundo Fernandes (2013) e Bergamini (2017), pode ser definida como conjunto de características individuais compostas pelas maneiras de pensar, sentir e agir. Para os autores, a personalidade não representa um elemento vago, ela distingue cada pessoa dos seus hábitos motores, das motivações psíquicas e, conseqüentemente, dos tipos de relacionamento interpessoal. A personalidade define a maneira de executar uma determinada função. Segundo Spector (2002), a personalidade é a predisposição ou tendência de uma pessoa a se comportar de determinado modo em situações diferentes. Assim, as características de personalidade podem ser importantes porque certas classes de comportamento são relevantes para explicar o desempenho das finanças pessoais de cada indivíduo.

A competência pessoal pode ser definida, segundo Boog (2002) como a soma das habilidades, comportamento, conhecimento e atitudes no ser humano. Os autores definem a competência pessoal como conjunto de características percebidas nas pessoas que as levam um desempenho superior. Para Bergamini (2017), as competências são elementos incluídos no sujeito para que leve a resultados positivos e/ou desempenho superior. Segundo o autor, quanto maior a competência do indivíduo para lidar com uma situação ou problema relacionado com finanças pessoais, em razão de suas habilidades, comportamento, conhecimento e atitudes, maior será a probabilidade de atingir ou satisfazer os objetivos e resolver tais problemas.

Neste contexto, diversos estudos foram elaborados na temática de educação financeira, enfatizando, em especial perfil pessoal e o endividamento pessoal ou familiar.

Donadio *et al.* (2012) estudaram o papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros concluindo sobre a importância que o comportamento de uso e acesso ao cartão de crédito e o nível de alfabetização financeira como habilidade financeira têm no endividamento do consumidor brasileiro.

Candido e Fernandes (2014) investigaram quais foram os principais motivos do endividamento das pessoas, concluindo que houve a defasagem no ensino de finanças e economia básica relatada pelos respondentes o que gerou dificuldades em administrar suas finanças pessoais, sendo que a falta de habilidades e conhecimentos em finanças pessoais ocasionaram o aumento nos níveis de endividamento.

Vieira *et al.* (2014) investigaram a relação entre o comportamento e atitudes materialistas e o endividamento, verificando também a diferença das variáveis socioeconômicas em relação a estes dois componentes. Concluíram que houve uma correlação positiva entre o fator felicidade e a variável endividamento, o que revelou que os indivíduos que atrelam o consumo à felicidade tendem a endividar-se mais.

O estudo de Ribeiro e Ribeiro (2016) demonstrou a carência e a importância da educação financeira visando o planejamento financeiro criando a maturidade financeira em termos de conhecimento e atitudes financeiras. Concluíram que o planejamento financeiro e o controle de gastos como habilidades geradoras de comportamento financeiro pessoal.

Pontes (2018) investigou o impacto da alfabetização econômica, atitudes em relação ao endividamento e ao consumo sobre o nível de endividamento das pessoas. Concluiu que a alfabetização econômica e o comportamento racional de consumo não exerceram grande influência no nível de endividamento pessoal, ao passo que comportamentos impulsivos e compulsivos de compra, hedonismo e a austeridade impactaram no nível de endividamento pessoal. Entre as características percebeu-se que indivíduos afirmaram possuir dificuldades financeiras familiares estão mais propensos ao endividamento.

Langaro (2018) relacionou o perfil pessoal dos entrevistados (habilidades, comportamento, conhecimento e atitudes) com os níveis de endividamento pessoal. Concluiu que tal relação com o dinheiro e suas finanças pessoais só é possível através do entendimento da importância do dinheiro e do controle do mesmo. Independente do meio pelo qual o indivíduo busca tais informações, salientou a necessidade do planejamento financeiro aliando aos procedimentos de controle de gastos para que seja possível evitar altos níveis de endividamento pessoal.

Diante do contexto apresentado, o objetivo geral desse trabalho foi investigar a relação existente entre os níveis de endividamento com os atributos dos perfis pessoais de cada indivíduo em termos de habilidades, comportamento, conhecimento e atitudes.

Entende-se que ao abordar tal assunto contribui-se na discussão que o endividamento pessoal não está somente vinculado a características sociodemográficas, como idade ou classe social, mas também aos atributos e perfil de cada indivíduo considerando os padrões e características pessoais adotados. Com o intuito de agregar aos demais trabalhos anteriores, julga-se que tal pesquisa justifica-se ao buscar relacionar as diversas características e perfis pessoais existentes aos níveis de endividamento das pessoas.

2. Procedimentos metodológicos

Caracterizou-se como um estudo explicativo. Esse tipo de pesquisa busca identificar os fatores que determinam ou que contribuam para a ocorrência dos fatos. Quanto à abordagem, classificou-se como um estudo de avaliação quantitativa, uma vez que usou métodos e técnicas para interpretação de um conjunto de dados numéricos que foram tratados estatisticamente. Quanto à coleta de dados, utilizou-se de dados secundários da pesquisa original realizada pela Datafolha, que investigou as expectativas dos brasileiros com relação a sua situação financeira e situação econômica do país. Os dados da pesquisa original foram coletados de 3.666 respondentes em 191 municípios brasileiros nos dias 13 a 16 de dezembro de 2021. Segundo o DataFolha, a pesquisa teve a margem de erro de 2 pontos percentuais, no nível de confiança de 95%. O estudo tem característica explicativa, pois irá verificar a relação de variáveis com endividamento pessoal. Por se tratar de dados secundários, entendeu-se que os dados foram validados e seriam confiáveis para realização da pesquisa proposta.

As variáveis definidas para o presente trabalho, retiradas da pesquisa supracitada foram as seguintes:

Tabela 1: Variáveis da pesquisa

Variável	Tipo	Mensuração
Níveis de Endividamento pessoal	Variável dependente, a ser explicada	Escala de 1 (Muito endividado) a 7 (sem dívidas)
Habilidades de Organização	Variável independente	Escala: 1 (Desorganizado) a 7 (Organizado)
Conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal	Variável independente	Escala: 1 (Extravagante) a 7 (Controlado)
Atitudes no processo de Compras	Variável independente	Escala: 1 (Cuidadoso com o dinheiro) a 7 (Impulsivo)
Comportamento Pessoal	Variável independente	Escala: 1 (Aagitado) a 7 (Calmo)
Atitudes no processo de tomada de decisões	Variável independente	Escala: 1 (Racional) a 7 (Emocional)
Conhecimento e Visão de mundo	Variável independente	Escala: 1 (Idealista) a 7 (Realista)
Habilidades de planejamento e execução em finanças	Variável independente	Escala: 1 (Planejador, sonhador) a 7 (Realizador, prático)
Comportamento Financeiro quanto a poupança	Variável independente	Escala: 1 (Poupador) a 7 (Comprador)

Comportamento e atitudes com relação à materialidade	Variável independente	Escala: 1 (Apegado) a 7 (Desprendido)
Estabilidade	Variável independente	Escala: 1 (Instável) a 7 (Estável)
Gestão financeira de Longo Prazo	Variável independente	Escala: 1 (Sem reserva) a 7 (com reserva)
Comportamento em termos de estilo de vida	Variável independente	Escala: 1 (Preocupante) a 7 (tranquila)
Idade	Variável de Controle	Escala de 1 (menor) a 7 (maior)
Escolaridade	Variável de Controle	Escala de 1 (menor) a 7 (maior)
Renda Familiar	Variável de Controle	Escala de 1 (menor) a 7 (maior)

Fonte: Adaptado da pesquisa DATAFOLHA (2021).

A análise dos dados foi feita em duas etapas: Primeiramente procedeu-se a uma análise descritiva de cada resposta (variável) que objetivou descrever e sumarizar o conjunto de dados de uma maneira geral, depois foi processada uma regressão linear múltipla por Mínimos Quadrados Ordinários que, para atender ao objetivo principal do trabalho, apresentou, de forma completa, a relação entre a variável dependente (níveis de endividamento pessoal) com todas as outras variáveis do modelo. Para processar todas as análises foi usado o software SPSS 18.0. Cabe ressaltar que a regressão linear múltipla foi processada com todas as variáveis inicialmente previstas no modelo (Tabela 1). Foi verificado então que as variáveis habilidades de organização, atitudes no processo de compras, comportamento pessoal, atitudes no processo de tomada de decisões, conhecimento e visão de mundo, habilidades de planejamento e execução em finanças, idade e escolaridade apresentaram-se não significativas e foram excluídas da análise descritiva e do modelo de regressão. Assim, processou-se uma nova regressão somente com as variáveis significativas que foram: conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal, comportamento financeiro quanto a poupança, comportamento e atitudes com relação à materialidade, estabilidade, gestão financeira de longo prazo, comportamento em termos de estilo de vida e renda familiar.

3. Resultados e Discussão

3.1. Análise descritiva

Pela análise dos dados, observou-se que 49,11% dos respondentes eram casados ou com companheira(o) e 50,89% eram viúvos, solteiros ou separados; 37,44% declararam não terem filhos ou dependentes. Quanto à escolaridade, observou-se que 73,8% da amostra têm até ensino médio completo e 16,4 % superior completo com ou sem pós graduação.

Sobre a renda, 55,3% dos respondentes declararam renda familiar até 3 salários mínimos, sendo 31,6% com renda até dois salários mínimos que foi a maior frequência observada. Sobre este aspecto, a literatura não é consensual sobre renda e sua influência no endividamento. Segundo Raaij e Gianotten (1990) pessoas com rendimentos mais elevados gastam e contraem mais empréstimos e revelam uma maior propensão para usar cartões de crédito e aumentar o endividamento. Por outro lado, Zerrenner (2007); Bricker *et al.* (2012); Lucena *et al.* (2014); Vieira *et al.* (2014) entendem que quanto menor o nível de renda mais vulneráveis a dívida as pessoas ficam. Santos e Souza (2014), com base nos resultados encontrados por eles em seus estudos, também sustentam a hipótese que as pessoas de rendas mais baixas são mais propensas ao aumento do endividamento.

Com relação aos níveis de endividamento verificou-se que 35 % das pessoas declararam sem dívidas, sendo que 65% declararam terem algum nível de dívidas. Do total dos respondentes, 19,1% declararam-se muito endividados. Os resultados aqui encontrados foram compatíveis com a pesquisa PEIC onde quantidade de famílias endividadas alcançou

76,1% do total das famílias brasileiras. Nesse sentido, entretanto nem toda população se preocupa com educação financeira, tão pouco com planejamento financeiro, prova disso são os índices recordes que o nível de endividamento das famílias brasileiras vem atingindo nos últimos anos (Donadio *et al.* 2012).

Com relação a variável Conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal, 14,7% dos respondentes consideraram-se extravagantes e 71,8% controlados, sendo 34% muito controlados. Os resultados corroboram os trabalhos de Ruberto *et al.* (2013), Bonono *et al.* (2017), Pindyck e Rubinfeld (2006) pois tais autores entendem que os níveis elevados de endividamento das famílias brasileiras estão ligados ao consumismo, o materialismo, a falta de autocontrole, pela tomada de decisões de compra por impulso e por terem estilo de vida extravagante. Muitos consumidores acabam comprando sem realmente estarem precisando e se endividam (Piccini & Pinzetta, 2014). O consumismo, como consequência de comportamentos extravagantes, compromete financeiramente, endivida e até mesmo escraviza as pessoas.

No quesito de comportamento Financeiro quanto a poupança, 32,8 % declararam que tendem a ser mais poupadores e que 46,3% são mais compradores sendo que a maior frequência observada foi em muito comprador (21,4%). Com relação a variável Comportamento e atitudes com relação à materialidade 33,4% entenderam ser mais apegados e 49,2% desprendidos, no qual a maior frequência foi observada no mais alto grau de desprendimento (24,3%). Quanto a variável de perfil pessoal com relação a estabilidade de comportamento, 28,2% declaram-se ser mais instáveis enquanto que 53,6% estáveis, no qual a maior frequência foi observada no mais alto grau de estabilidade (23,1%). Para a gestão financeira de longo prazo, 36,5% declaram-se com níveis baixos de reserva financeira e 47,5% tendência de bons níveis de reservas financeiras, no qual a maior frequência foi observada no mais alto grau de ter reservas financeiras (20,3%). Quanto ao comportamento de estilo de vida, observou-se que 32,6 % responderam ter uma tendência de um estilo mais preocupante enquanto que 50 % estilo de vida mais tranquilo, no qual a maior frequência foi observada no mais alto grau de ter vida mais tranquila (21,6%).

Segundo Nascimento (2019) níveis elevados de endividamento são causados pelas pessoas não saberem como lidar com a renda e com a baixa educação financeira pelo fato de não ter conhecimentos, porém existem outros fatores que também determinam o endividamento, como por exemplo, o aumento significativo do custo de vida da população e uma média salarial muito baixa; a alta do desemprego e a inflação que fazem as famílias diminuírem seus consumos e recorrerem a dívidas, mesmo que de forma consciente, entende-se que não necessariamente as pessoas fazem escolhas erradas, mas sim porque a situação é crítica e não têm outra opção a não ser se endividar.

Nesse sentido, ao observar os resultados das variáveis, entende-se que atitudes tais como impulsividade e instabilidade que poderiam estar presentes nas pessoas mais gastadoras e que não se preocupam com o futuro e tampouco usam ferramentas de planejamento e controle financeiro pessoal poderiam pertencer às pessoas mais endividadas o que consequentemente as levariam a um estilo de vida mais preocupante. Estudos advogam que o comportamento materialista das pessoas gastadoras é um dos determinantes do endividamento. Quanto pior for o comportamento materialista e de compra compulsivas do indivíduo, maior será a propensão a endividar-se. Quanto maior o controle do comportamento de compras compulsivas do indivíduo, menor será sua propensão a endividar-se e, consequentemente, não terem reservas de poupança (Ruberto *et al.* 2013; Bonono *et al.* 2017, Pindyck & Rubinfeld, 2006; Piccini & Pinzetta, 2014).

3.2 Modelo de regressão

Ao se processar a regressão, partiu-se do pressuposto que o relacionamento entre as variáveis foi linear e que todos os valores da variável de saída (endividamento) são independentes, ou seja, cada resposta ou valor da variável endividamento provém de uma entidade (pessoa) em separado e não estão relacionados. Os resultados foram apresentados e discutidos a seguir.

Tabela 2 - Resultados do modelo de regressão multivariada

Variáveis do Modelo	Beta	Erro Padrão	P>[t]	VIF
Constante	1,960	0,195	0,000*	
Renda Familiar	0,039	0,002	0,026**	1,003
Conhecimento e habilidades em controle financeiro	0,113	0,023	0,000*	1,007
Comportamento Financeiro quanto a poupança	-0,045	0,019	0,015**	1,120
Comportamento com relação à materialidade	-0,031	0,018	0,084***	1,047
Estabilidade de comportamento	0,117	0,021	0,000*	1,246
Gestão financeira de longo prazo	0,205	0,020	0,000*	1,320
Estilo de vida	0,203	0,020	0,000*	1,256

N=3.666; R² Múltiplo: 0,449; R²Ajustado:0,199; D-W: 1,974

*sig. <1%; **sig. <5% ; *** sig < 10%

Foram feitos testes de especificação dos modelos de regressão. A estatística Durbin-Watson (D-W) avaliou a hipótese de independência dos erros ou autocorrelação serial (residual). Valores menores que 1 e maiores que 3 são motivo de preocupação. O resultado de 1,974 indicou que não houve autocorrelação serial (residual) nos dados em questão, indicando assim que os erros foram não correlacionados (Field, 2009).

Com relação a colinearidade (Tabela 2), o teste de diagnóstico de colinearidade (VIF) bem como a análise da matriz de correlação identificou que não existiu relacionamento linear perfeito entre os previsores, ou seja, não foi verificada correlação alta entre as variáveis dependentes o que sugere ausência de colinearidade entre as variáveis. Plotou-se um gráfico dos resíduos da regressão para verificar se os erros (resíduos) apresentaram como variáveis aleatórias normalmente distribuídos e para testar a suposição de homocedasticidade. Verificou-se que, os pontos se comportaram aleatoriamente distribuídos em torno do 0, sem nenhum comportamento ou tendência, e isso apontou indícios de que a variância dos resíduos é homocedástica e os resíduos se apresentaram como variáveis aleatórias normalmente distribuídos.

3.2.2. Discussão dos resultados da regressão

A regressão foi processada pelo método Enter e foi obtido um R Múltiplo de 0,449 (positivo e significativo) e um R quadrado ajustado de 0,199 o que significou que 19,9% da variação dos níveis de endividamento foram explicados pela variação das variáveis explicativas do modelo. O modelo de regressão apresentou-se significativo como um todo (F Sig. p<0,000) (Tabela 2).

A variável renda familiar apresentou coeficiente positivo e significativo a 5%, indicando que quanto menor a renda, maior o nível de endividamento pessoal para os dados em questão. Assim, corrobora os resultados dos estudos de Zerrenner (2007); Bricker *et al.* (2012); Lucena *et al.* (2014); Vieira *et al.* (2014), Santos e Souza (2014), Nascimento (2019). Ainda neste sentido, apesar de as pessoas de baixa renda estarem sendo obrigadas a restringir o consumo em comparação com as pessoas de rendas mais altas, podem precisar recorrer ao crédito para situações de urgência ou iniciativas de empreendedorismo, como forma de complementação de renda, o que pode aumentar seu endividamento.

Na análise da variável conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal foi obtido coeficiente positivo e significativo a 1%, evidenciando que, quanto mais controlado

financeiramente, menor o nível de endividamento pessoal, quanto mais tendente a extravagante, maior o nível de endividamento pessoal.

Os resultados da variável comportamento financeiro quanto a poupança revelaram coeficiente negativo e significativo a 5%, sugerindo que, quanto maior a tendência de ser comprador, maior o nível de endividamento pessoal, quanto mais poupador, menor o nível de endividamento pessoal. Entende-se que a questão de ser poupador é uma das consequências de ter níveis de endividamento baixo ou zerado e vice-versa.

Tais resultados já eram esperados, pois confirmaram a sugestão que as pessoas mais gastadoras estão mais endividadas e as que estão com baixos níveis de dívidas são as que possuem capacidade de poupança, validando os trabalhos consultados nesta temática (Ruberto *et al.* 2013; Bonono *et al.* 2017, Pindyck & Rubinfeld, 2006; Piccini & Pinzetta, 2014) os quais advogam que o comportamento materialista extravagante das pessoas gastadoras é um dos determinantes do endividamento. Quanto pior for o comportamento materialista e de compra compulsivas do indivíduo, maior será a propensão a endividar-se. Quanto maior o controle do comportamento de compras compulsivas do indivíduo, menor será sua propensão a endividar-se. Os resultados ainda corroboram os trabalhos de Donadio *et al.* (2012), Candido e Fernandes (2014), Ribeiro e Ribeiro (2016), Langaro (2018) nos quais os autores concluíram que a alfabetização financeira e o uso de ferramentas de planejamento e controle de gastos podem minimizar os nos níveis de endividamento pessoal.

A variável comportamento e atitudes com relação à materialidade demonstrou coeficiente negativo e significativo a 10%, sugerindo que quanto maior tendência de ser desprendido, maior o nível de endividamento pessoal, quanto mais tendente a ser apegado, menor o nível de endividamento pessoal. Tais resultados também eram esperados teoricamente, pois, demonstram o despreparo das pessoas com o dinheiro, principalmente o desapego como estratégia de justificar tais atitudes, corroborando Arcuri (2018) a falta de um diálogo e levar uma vida desprendido é possivelmente o paradigma de não se falar de finanças pessoais com outras pessoas (até mesmo com a família), podem ser um dos gatilhos do endividamento populacional; com Donadio *et al.* (2012); Nascimento (2019) e Avdzejus *et al.* (2012) que observaram a falta de planejamento e controle financeiro aliada a facilidade do concedido pelas instituições financeiras, gera consumismo exagerado e níveis mais altos de endividamento nas pessoas.

Os resultados validam as conclusões de Vieira *et al.* (2014), nas quais indivíduos que atrelam o consumo a felicidade tendem a endividar-se mais e de Pontes (2018) onde discute que comportamentos impulsivos e compulsivos de compra, hedonismo e a austeridade impactaram no aumento do nível de endividamento pessoal.

A variável de perfil pessoal com relação a estabilidade de comportamento revelou coeficiente positivo e significativo a 1%, demonstrando que, quanto maior a tendência de ser estável, menor o nível de endividamento pessoal, quanto mais tendente a ser instável, maior o nível de endividamento pessoal.

Na mesma direção da anterior, a variável de perfil pessoal financeiro quanto ao futuro, gestão financeira de longo prazo, apresentou coeficiente positivo e significativo a 1%, explicando que quanto maior a tendência de ter reservas financeiras, conseqüentemente, menor o nível de endividamento pessoal, quanto mais tendente a não ter reservas, maior o nível de endividamento pessoal.

Finalmente a variável comportamento pessoal em termos de estilo de vida obteve um coeficiente positivo e significativo a 1%, sugerindo que quanto maior a tendência de ter uma vida mais tranquila, menor o nível de endividamento pessoal e ter uma vida mais preocupada maior o nível de endividamento pessoal.

A explicação das últimas três variáveis, a saber estabilidade de comportamento, perfil pessoal financeiro quanto ao futuro e estilo de vida podem ser consequência dos altos níveis

de endividamento, conforme advogam os autores, baseados nas atitudes de consumismo, falta de controle, instabilidade, vida atribulada financeiramente e materialismo. Davies e Lea, (1995) observaram que estes tipos de indivíduos têm uma atitude favorável às operações de crédito, têm um nível de endividamento maior e estão mais sujeitos à publicidade. Neste sentido, Ruberto *et al.* (2013), Bonono *et al.* (2017), Pindyck e Rubinfeld (2006), Piccini e Pinzetta (2014) entendem que os níveis elevados de endividamento estão ligados à falta de autocontrole. Segundo os autores, a instabilidade, uma vida atribulada e materialismo pode causar altos níveis de endividamento que por sua vez não permitem a pessoa ter reservas financeiras (poupanças).

Os resultados do estudo sugerem a habilidade e atitude de controle financeiro podem gerar a atitude para sobra de recursos para poupança (reservas financeiras), juntamente com o comportamento de ser mais apegado e, conseqüentemente, melhores níveis de renda familiares proporcionariam menores níveis de endividamento pessoal e uma vida mais tranquila. No aspecto de finanças pessoais, tais habilidades elencadas são as características, conhecimentos e atitudes usadas visando o desempenho financeiro pessoal favorável, no caso menores níveis de endividamento, validando as assertivas teóricas de Lacombe (2011), Silva (2005) e Robbins *et al.* (2010).

Com relação a personalidade, sendo o conjunto de características individuais compostas pelas maneiras de pensar, sentir e agir, os resultados sugerem, pelos dados descritivos que os maiores percentuais das pessoas entrevistadas na pesquisa são compradores, são estáveis, declararam-se satisfeitos com níveis de reserva financeira, apresentam estilo de vida mais tranquilo e os maiores percentuais com renda de dois a três salários mínimos. Para estas pressuposições, infere-se que as características de personalidade estão relacionados com as habilidades, atitudes e comportamento que explicam o nível de endividamento de cada indivíduo. Validam assim as assertivas teóricas de Fernandes (2013) e Bergamini (2017), Spector (2002), Boog (2002).

4. Conclusão

O objetivo geral desse trabalho foi relacionar o nível de endividamento pessoal com os atributos dos perfis pessoais de cada indivíduo. Os resultados da análise descritiva evidenciaram as características gerais da amostra: 49,11% dos respondentes eram casados ou com companheira(o), 37,44% declararam não terem filhos ou dependentes, 73,8% da amostra têm até ensino médio completo e 16,4 % superior completo com ou sem pós graduação. Sobre a variável Renda, 55,3 % dos respondentes declararam renda familiar até 3 salários mínimos.

Com relação às variáveis de interesse da pesquisa, verificou-se 35% das pessoas declararam sem dívidas, sendo que 65% declararam endividadas, sendo 19,1% do total de respondentes muito endividados. 14,7% dos respondentes consideraram-se extravagantes e 71,8% controlados; 32,8% declararam que tendem a ser mais poupadores e que 46,3% são mais compradores; 33,4% entenderam ser mais apegados e 49,2% desprendidos; 28,2% declaram-se ser mais instáveis enquanto que 53,6% estáveis; 32,6% responderam ter uma tendência de um estilo mais preocupante enquanto que 50 % estilo de vida mais tranquilo.

Os resultados do modelo de regressão evidenciaram que 19,9% da variação do endividamento pessoal foram explicados pelas variáveis da pesquisa a saber conhecimento e habilidades em controle financeiro pessoal, comportamento financeiro quanto a poupança, comportamento e atitudes com relação à materialidade, estabilidade, gestão financeira de longo prazo, comportamento em termos de estilo de vida e renda familiar.

Concluiu-se, com base nos resultados da regressão, que os aumentos do nível de endividamento pessoal poderiam ser explicados por menor nível de renda familiar,

descontrole financeiro, maior a tendência de ser comprador ou consumista, maior tendência de ser desprendido, maior a tendência de ter comportamento instável, menor preocupação em ter reservas financeiras e ter um estilo de vida mais preocupado.

Sobre as limitações da pesquisa elenca-se a escassez de materiais a respeito desse assunto, em especial livros e pesquisas específicas que tratam dos perfis, atributos e sua relação com o endividamento. Embora a propagação da educação financeira tem se intensificado nos últimos anos na mídia em geral, as bases de dados são raras e não atualizadas anualmente para acompanhar as tendências das pessoas. Entende-se que o estudo e acompanhamento dessas relações revelam a realidade e podem ajudar a traçar estratégias para o desenvolvimento do tema no Brasil. Sugere-se assim a continuidade dos estudos futuros na temática de letramento financeiro, endividamento e finanças pessoais dos brasileiros.

Referências

- Arcuri, N. (2018). Dez passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso. Rio de Janeiro: Sextante.
- Avdzejus, E. E., Santos, A. C. & Santane, J. O. de. (2012). Endividamento Precoce: Uma Análise da Concessão de Crédito e dos Fatores que Influenciam no Endividamento de Jovens Universitários da Faculdade UNIME no Município de Lauro de Freitas/BA, 2012. Anais do IX SEGET.
- Bergamini, C. W. (2017). Motivação Nas Organizações. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Bonomo, B., Mainardes, E. W. & Laurett, R. (2017). Compra não planejada e endividamento pessoal: Uma análise de relação. Revista Administração em Diálogo.- RAD, 19(3), 49-69.
- Boog, M. (2002). Manual de gestão de pessoas: estratégias e tendências. São Paulo: Editora Gente.
- Bricker, J., Kennickell, A. B., Moore, K. B. & Sabelhaus, J. (2012). Changes in U.S. family finances from 2007 to 2010: evidence from the Survey of Consumer Finances. Federal Reserve Bulletin, 98(2), 1-80.
- Candido, J. G. & Fernandes, A. H. S. (2014). Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. Revista Eletrônica Gestão e Serviços, 5(2), 894-913.
- Carvalho, H. A. de, Sousa, F. G. & Fuentes, V. L. P. (2017). Representação social do endividamento individual. RPCA, 11(1), 1-15.
- Claudino, L.P., Nunes, M.B., Oliveira, A. R. & Campos; O. V. (2009). Educação financeira e endividamento: um estudo de caso com servidores de uma instituição pública. Anais XVI Congresso Brasileiro de Custos – Fortaleza.
- Davies E. & Lea S. (1995). Student attitudes to student debt. Journal of Economic Psychology, 16(4), 663-679.
- Donadio, R, Campanario, M. de A. & Rangel, A. de S. (2012). O papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros. Revista Brasileira de Marketing, 11(1), 75-93.
- Fernandes, B. R. (2013). Gestão estratégica de pessoas: com foco em competências. 1 ed. Rio de Janeiro. Elsevier.
- Field, A. (2009). Descobrimo a estatística usando o SPSS. São Paulo: Artmed.

- Frankenberg, L. (1999). Seu Futuro Financeiro: você é o maior responsável. Rio de Janeiro: Campus.
- Lacombe, F. J. M. (2011). Recursos Humanos: princípios e tendências. 2 ed. São Paulo: Saraiva.
- Langaro, A. (2018). Perfil da População brasileira em relação a gestão de finanças pessoais. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade e Escola, Tapejara.
- Lucena, W. G. L., Santos, J. M. A., Assis, J. T. & Santos, M. C. (2014). Fatores que influenciam o Endividamento e a Inadimplência no Setor Imobiliário da Cidade de Toritama-PE à luz das finanças comportamentais. *Holos*, 6(1), 90-113.
- Mosmann, G. (2019) O que é perfil financeiro e como descobrir qual é o seu? Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/perfil-financeiro/> Acesso em 20 de junho de 2021.
- Nascimento, T. G. (2019). O papel do comportamento financeiro e da educação financeira no endividamento. [Dissertação de Mestrado]. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas: São Paulo.
- Piccini, R. A. B & Pinzetta, G. (2014). Planejamento financeiro pessoal e familiar. Seminário de iniciação científica, seminário integrado de ensino, pesquisa e extensão e mostra universitária, 98. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siepe/article/view/5736>. Acesso em 31/05/2021.
- Pindyck, R. S. & Rubinfeld, D. L. (2006). Microeconomia. São Paulo: Pearson, Prentice Hall.
- Pinheiro, R. P. (2008). Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. São Paulo: Peixoto Neto, 2008. Disponível em: <http://www.fbss.org.br/dados/wwwfbs/artigos/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Previdenci%C3%A1ria%20e%20Financeira%20-%20a%20nova%20fronteira%20dos%20fundos%20de%20pens%C3%A3o.pdf>> Acesso em 18 de novembro de 2021.
- Pontes, M. D. M. (2018). Os impactos dos conhecimentos e comportamentos econômicos no nível de endividamento pessoal [Dissertação de Mestrado]. Mestrado em Administração. Universidade Estadual do Ceará - UECE: Fortaleza, 98 f.
- Raaij, W. & Gianotten, H. (1990). Consumer confidence, expenditure, saving, and credit. *Journal of Economic Psychology*, 11 (1), 269-290.
- Ribeiro, K. C. M. & Ribeiro, Z. M. de O. B. (2016). Finanças pessoais: O perfil financeiro dos acadêmicos do curso de ciências contábeis do Instituto de estudos e pesquisa do vale do Acaraú unidade de extensão Tianguá-CE. 2016. Disponível em: < https://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2017/10/FINANÇAS_PESSOAIS_O_PERFIL_FINANCEIRO_DOS_ACADEMICOS_DO_CURSO_DE_Ciencias_CONTABEIS_DO_INSTITUTO_DE_ESTUDOS_E_PESQUISAS_DO_VALE_DO_ACA.pdf>. Acesso: 20 de novembro de 2021
- Robbins, S P., Judge, T. A. & Sobral, F. (2010). Comportamento organizacional. 14 ed. São Paulo: Person Prentice Hall.
- Ruberto, I. V. G., Silveira, V. G., Vieira, K. M. & Bender Filho, R. (2013). A influência dos fatores macroeconômicos sobre o endividamento das famílias brasileiras no período 2005-2012. *Estudos do CEPE*, 37(1), 58-77.

- Santos, T. & Souza, M. J. B. (2014). Fatores que influenciam o endividamento de consumidores jovens. *Revista Alcance*, 21 (1), 152-180.
- Silva, M. de O. (2005). *Gestão de pessoa através do sistema de competências: estratégias, processos, desempenho e renumeração: fundamentos e aplicação*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Spector, P. E. (2002). *Psicologia nas organizações*. São Paulo: Saraiva.
- Vieira, K. M., Flores, S. A. M. & Campara, J. P. (2014). Propensão ao endividamento no município de Santa Maria (RS): Verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais. *Teoria e Prática em Administração*, 4 (2) 180-205.
- Zerrenner, S. A. (2007). *Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda*. [Dissertação de Mestrado] Administração. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA/USP. São Paulo.